

Universidade Federal da Bahia

Faculdade de Comunicação

(À) Margem da Vida

O criminoso e o lugar da prática do crime no *Correio da Bahia*

(Projeto Experimental de conclusão do Bacharelado em Comunicação Social)

Autor:

Jean Wyllys

Orientador:

Liv Sovik

1. **Título:** (À) Margem da Vida – O criminoso e o lugar da prática do crime no *Correio da Bahia*

2. **Tema:** O criminoso e o lugar das práticas criminosas na Região Metropolitana de Salvador segundo as páginas *segurança* do jornal Correio da Bahia.

3. Formulação do problema:

A partir da análise do conteúdo (textos e fotografias) das páginas *segurança* do jornal Correio da Bahia - destinadas ao noticiário sobre crimes praticados na Região Metropolitana de Salvador -, e da descrição das rotinas produtivas que movem a editoria responsável pelas mesmas páginas, este trabalho pretende mostrar quais as características do criminoso e dos lugares da prática do crime divulgadas (e reiteradas) diariamente pelo jornal, e de que maneira o Correio da Bahia "chega" a essas características.

Quais os fatos priorizados pela equipe que elabora as páginas *segurança*? Quais as fontes dos repórteres? Procura-se ouvir todas as partes envolvidas nos fatos? Qual o objeto do repórter fotográfico? Quais as fotos priorizadas pelos editores? Quais os cuidados com o texto? O que diz nas entrelinhas as páginas *segurança* do Correio da Bahia? São algumas das questões que este trabalho pretende responder. Uma análise menos criteriosa das páginas mostra que as notícias em quase sua totalidade dizem respeito apenas aos crimes cometidos pela população de baixa renda da Região Metropolitana de Salvador. O que suscita novas questões que também merecem respostas. Os crimes hediondos só ocorrem nas classes de menor poder aquisitivo, moradores das regiões pobres da cidade? Os fatores sociais, econômicos e culturais que perpassam os crimes são arrolados no discurso

jornalístico? Por quê os chamados crimes de colarinho branco não têm a mesma visibilidade que os crimes praticados por pessoas de baixa renda?

4. Situação do problema:

Todo jornal ocupa páginas com notícias sobre crimes e criminalidade. Alguns, inclusive, dedicam-se inteiramente a este tipo de cobertura, como é o caso do Notícias Populares de São Paulo. Considerando que a maioria dos brasileiros que lêem - e que, em geral, estão acima da linha de pobreza e, portanto, consomem bens materiais - informam-se através de jornais, faz-se necessário analisar o conteúdo das reportagens, crônicas e notas sobre o crimes presentes nesses jornais, para saber quais valores culturais e morais os leitores estão assimilando, partindo-se, claro, do pressuposto de que os *mass media* são produtores de subjetividade. Este trabalho pretende fazer essa análise a partir das páginas do jornal Correio da Bahia dedicadas ao noticiário sobre crime, que são identificadas com a "cartola" *segurança*.

Uma análise dessa natureza exige reflexões sobre as relações sociais nas grandes cidades, fortemente influenciada pelos *mass media*. O Brasil é um país profundamente marcado pelas desigualdades sociais. Só uns poucos têm garantidos seus direitos civis, econômicos e políticos, ou seja, apenas alguns (a minoria) podem se considerar cidadãos. Segundo estatísticas do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, no Brasil, os 20% mais ricos têm 32 vezes mais renda que os 20% mais pobres. O antropólogo Gilberto Velho, embora tenha escrito, há algum tempo, um artigo no qual informava que no Brasil havia cidadania de primeira, segunda e terceira classes, afirma em *Cidadania e Violência* que, se alguém tem privilégios em uma sociedade e o outro não tem, não existe cidadania. "Porque a idéia de cidadania é basicamente a idéia de que o outro tem, pelo menos potencialmente, os mesmos direitos e deveres" (Velho, 1996).

Ainda segundo Gilberto Velho, o extremo desequilíbrio na distribuição da renda do país, aumenta bastante as chances de violência, porque aguça o conflito. Na visão do antropólogo, o conflito é um dado permanente na vida social, não a violência. Ou seja, ele não considera a violência física, os homicídios, estupros, a vontade de bater nos outros, um dado da sociedade. Velho acredita que a "violência surge, se exerce, aparece, com maior ou menor vigor, em certos tipos de conflitos". Logo, em um país onde a concentração de riqueza é uma realidade tão cruel quanto aparente, a violência tende a crescer na mesma proporção em que a vala que separa abastados e pobres aumenta.

Mas, é importante ressaltar que a miséria não é uma característica da época atual, ela acompanha a história do Brasil. Sendo assim, o fato de se matar mais hoje do que antes no país, segundo o Núcleo de Estudos da Violência da USP, deve ter explicações que vão além das diferenças de classes sociais. A primeira das possíveis é a de que somos uma sociedade seduzida e fascinada pelos meios de comunicação de massa, como definiu o filósofo francês Jean Baudrillard. O filósofo vê nos *mass media* a causa da perda de sentido e do social que caracterizaria a condição pós-moderna. Os meios de comunicação de massa, próprios da pós-modernidade, não só difundiriam imagens de crimes e de perversões violentas, como também estereótipos que só serviriam para levantar trincheiras entre as pessoas, dividindo-as em tribos que, na maioria das vezes, não conseguiriam viver em harmonia porque reconheceriam como estrangeiro, como Outro, aquele que escapa a seus universos padronizados. O sociólogo francês Michel Maffesoli caracteriza os tempos atuais como o *tempo das tribos*, em que se dá a reunião de pessoas por afinidades sexuais, afetivas, culturais e religiosas, e o surgimento de novas "sociabilidades", que, segundo Maffesoli, podem se formar para o melhor (como é o caso das associações de moradores, clubes da terceira idade e boates gays) ou para o pior, como comprovam as seitas fanáticas,

os grupos de extermínio e racistas. O "estrangeiro", hoje em dia, seria sempre sinônimo de ameaça porque as tribos reconheceriam, naqueles que não carregam seus signos, o “pecado original” que lhes matem fora do “paraíso”. Por exemplo, "preto", "pobre" e "prostituta" seriam apenas termos diferentes para uma mesma figura: o Outro da elite branca que manda no país. O jornalista José Arbex disse que o negro, que constitui a maioria numérica da população brasileira, é o grande estrangeiro nesse país feito para os brancos. Brancos que controlam os meios de comunicação e fazem deles sua imagem e semelhança, impondo ao resto da população a figura daquele a quem se deve considerar inimigo. É exatamente isso que este trabalho pretende mostrar analisando as páginas policiais do Correio da Bahia.

O Correio da Bahia cria uma imagem parcializada e sensacionalista da criminalidade, quando privilegia os crimes cometidos pelas classes baixas e subproletárias, como atestam as cabeças de páginas: **Homem executado a tiros no Morro do Macaco** (CB, 06/05/97), **Quatro pessoas mortas no Beiru em menos de 24 horas** (CB, 30/05/97) e **Estudante assassinado depois de uma festa no bairro de Periperi** (CB, 09/06/97). Com títulos assim, o jornal sinaliza as zonas de perigo da cidade, estigmatizando todos aqueles que aí moram.

Registrar o período em que os quatro crimes foram cometidos no Beiru, só serve para reforçar a construção do bairro como um lugar perigoso, cheio de pessoas mal intencionadas, do qual e das quais se deve manter distância.

Outros título como **Enfermeira aposentada é assassinada em Itapuã** (CB, 14/05/97), **Lavrador assassinado a tiros em Vila de Abrantes** (CB, 28/05/97), **Servente fuzilado por um grupo de extermínio dentro de casa** (CB, 17/06/97), associa crimes brutais às classes baixas, postura que só ratifica uma série de estereótipos e lugares comuns, o que legitima o *apartheid* social que existe na sociedade brasileira.

As fotografias das páginas de segurança do Correio da Bahia, elementos essenciais na construção da imagem do criminoso, retratam deserdados, desdentados, negros *rastafari*, donas de casa e idosos, ressaltando seus poros, suas espinhas, suas cicatrizes e seus defeitos. Cadáveres perfurados a bala e com costuras monstruosas sobre as macas do Instituto Médico Legal, cujas genitálias nunca estão expostas (fato curioso, aliás, porque o que deveria ser considerado mais obsceno neste tipo de fotografia é justamente os detalhes da violência - que comparecem com toda sua carga de brutalidade, apesar dos ângulos inusitados - não o sexo dos mortos, que nos remete à vida). Aparecem também, nas mesmas fotografias, as beiras de estradas, as casa de tijolos, os becos e ladeiras, os matagais, os cemitérios, o interior dos bares da periferia e os terrenos baldios. Ou melhor, o extremo oposto do universo representado nas colunas sociais, que, não por acaso, ocupam a parte considerada nobre do jornal: o caderno cultural Folha da Bahia, cujas personagens nunca são associadas a práticas criminosas hediondas, embora se saiba que os crimes cometidos por sua classe, os crimes de colarinho branco, são mais lesivos à sociedade como um todo. Graças a esse tipo de trabalho, boa parte da população passa a ser considerada supérflua, excrescência, permitindo planejar e aceitar seu extermínio como natural e benéfico, como comprova o título **PM mata dupla que praticou mais de 20 estupros em Dias D'Ávila** (CB, 23/04/95), onde, para justificar a ação criminosa da polícia - que, em vez de matar os acusados, deveria prendê-los e conduzi-los a um julgamento legal - o jornal ressalta que as vítimas cometeram 20 estupros, delito abominado pela sociedade. De acordo, com Gilberto Velho, não só existe um número maior de negros sendo linchados do que de brancos, como a maneira que o negro é linchado é muito mais cruel, com muito mais requinte de perversidade que o linchamento do branco. O coletivo NTC (Núcleo de Teoria da Comunicação) da USP, em *Pulsar, Pensar*, afirma que criminosos mortos pelas costas,

meninos de rua metralhados, presidiários queimados vivos, tudo isto não é visto como extermínio de indefesos, mas como a eliminação de corpos pré-desqualificados. "Na legalização da pena de morte ou na consecução de um extermínio branco no vácuo da legalidade, não se considera mais a destruição do Outro, mas se efetiva, numa escusa assepsia, o desaparecimento daqueles já considerados cadáveres (do social)" (Coletivo NTC da USP, 1996).

O *Correio da Bahia* acabaria reforçando, entre seus leitores (que, por pertencerem às classes mais ricas de Salvador, segundo pesquisa do próprio jornal, são mais "opinião pública" que os de A TARDE, cujos leitores são de camadas sociais menos favorecidas) o medo e a sensação de insegurança, que, segundo Ciro Marcondes Filho, em *Violência Política*, funciona como importante elemento nos controles civis. Ante a imagem parcial da criminalidade construída pelo jornal, os leitores podem vir a sugerir uma resolução que não mexe com as estruturas sociais: o aumento do policiamento. Para Marcondes Filho, as conseqüências políticas deste comportamento são bastante previsíveis. Quanto menos seguras as pessoas se sentem, mais elas exigem um Estado policial e um Estado forte. "Um Estado forte e policial reduz o espaço da democracia e instala-se para garantir, *a qualquer preço* (grifo do autor), a realização dos interesses e aspirações dos sujeitos e classes que o controlam" (C. M. Filho, 1987). Sem dúvida, a Região Metropolitana de Salvador nunca esteve tão policiada e, ao mesmo tempo, tão violenta como nos dias de hoje.

O teórico italiano Alessandro Baratta diz, no livro, *Mídia e Violência Urbana*, que a sociedade é enredada num espetáculo promovido em conjunto pela mídia e pelo Estado, que estimulam a demanda por um recrudescimento penal, desviando a atenção dos problemas estruturais dos quais também, e sobretudo, derivam a criminalidade, como a má distribuição de renda.

Já os textos dos repórteres das páginas *segurança* (quase nunca identificados, por questão de segurança pessoal) - sendo eles, na maioria das vezes, mera reprodução dos relatórios de ocorrências dos plantões de delegacias, segundo depoimentos informais dos próprios repórteres - reverberam os preconceitos e a moral dos policiais civis e militares, que funcionariam como guardiães da estabilidade da elite referida acima. Não só isso: os textos, quando justificam as brutalidades no suposto envolvimento das vítimas com o crime organizado, tranquilizariam a opinião pública, tirando dela a responsabilidade pela violência que a circunda. Os repórteres, como também deixam transparecer seus textos, quase sempre só ouvem "um lado" da história, ou seja, suas fontes, quando não são os livros de ocorrências, são os próprios titulares e plantonistas das delegacias, que dizem o que quer a respeito de quem não pode, no momento, se defender, principalmente quando querem mostrar serviços às autoridades.

O uso indiscriminado de aspas se constitui num outro erro. “Ao inserir a opinião de alguém, eles (os jornalistas) acham que deixam de participar da notícia, e deixam os “factos” falar (...)”. Não podendo criticar ou julgar os fatos e os envolvidos, usam a opinião de terceiros para poderem, de forma indireta, explicitar as suas próprias opiniões. Desta forma, transmitindo para o leitor os seus próprios juízos.

Os textos jornalísticos das páginas *segurança* vêm carregados de termos inadequados e que contribuem para reiterar uma imagem pejorativa. Este vocabulário poderia ser enquadrado dentro de algumas categorias. Bairros, profissões, indivíduos de uma determinada cor/etnia termos como bandidos, marginais, safados e mal encarados são freqüentemente usados para falar de suspeitos. Criando uma imagem negativa mesmo que o suspeito não seja o culpado. Ao destacarem as ocorrências de alguns bairros em detrimento de outros, consolida-se a idéia de bairros violentos, lesando com isso a população destas localidades. De acordo com

o nosso conhecimento até o momento, são sempre os bairros de periferia que são diretamente associados aos crimes. O mesmo acontece em relação à profissão dos envolvidos nestes casos. São pessoas na sua maioria de baixa renda e de profissões consideradas desprivilegiadas. Em relação à cor ou etnia, a maioria dos envolvidos é negro, fazendo com que a sua imagem seja confundida com a do crime.

É importante registrar que não estamos idealizando as camadas populares nem tirando suas responsabilidades sobre seus crimes. Como já comentamos antes, haveria um componente na violência praticada pelas classes mais pobres que iria além da questão da desigualdade e entraria na banalização geral da crueldade e da desvalorização da vida humana, que teria que ver com um certo tipo de entretenimento, como o cinema de violência americano, os vídeos *games* (que brincam com jogos de guerra e campos de extermínio), programas televisivos que exploram o grotesco, telejornais voltados para a violência urbana e as próprias páginas policiais dos periódicos. Comentando crimes bárbaros praticados por crianças nos Estados Unidos, em entrevista à revista *Época* (n.º 4, 15/06/98), o antropólogo Roberto DaMatta diz que "elas passam a acreditar que a vida é igual ao que vêem na tela das tevês e dos cinemas e assumem a agressividade do meio em que vivem como se fossem médiuns da violência".

Por outro lado, muitas das personagens das páginas policiais, por não terem consciência do quão estão sendo violentados pelas máquinas fotográficas dos repórteres, solicitam a própria exposição (e, em alguns casos, até se envaidecem, segundo depoimento dos repórteres) porque também eles sabem tacitamente que aquilo que não é noticiado hoje em dia não aconteceu. Os miseráveis, como toda sociedade pós-moderna, desejariam visibilidade e, para conseguí-la, encenariam a própria desgraça diante das câmeras, o que reforçaria os estereótipos que os aniquila não só metaforicamente. Os párias cometeriam

crimes espetaculares, com requintes de crueldade, só para elevá-los à categoria de notícia nos jornais. Seria esta uma das formas de se mostrar à elite política e econômica que sempre se recusou a enxergá-los, a conferir-lhes existência. Trataria-se de uma reação, por parte dos excluídos, à indiferença dos incluídos. Reação que incluiria, ainda, o armamento por si mesmos com esquemas e fortificações contra a própria polícia ou outros invasores de seus territórios. As favelas e áreas pauperizadas viveriam uma "autogestão militarizada" na qual o Estado não conseguiria interferir. Esquecidos durante muito tempo por este mesmo Estado, que não lhes assegurou os direitos fundamentais, como o direito à vida por exemplo, os excluídos teriam criado um embrião de Estado, com hierarquia e sistemas de punição e recompensas, baseado exclusivamente na violência.

5. Justificativa:

O Correio da Bahia é o jornal que mais cresce em número de leitores no estado da Bahia, graças à reforma em seu projeto gráfico há três anos, às promoções, que, em determinados dias da semana, colocam o jornal nas bancas acompanhado de um produto cultural (discos, games, livros etc.) a preços populares, e graças, sobretudo, às peças publicitárias veiculadas na TV Bahia, emissora de maior audiência no estado por transmitir a programação da Rede Globo de Televisão. A TV Bahia também integra a Rede Bahia, conglomerado de veículos de comunicação de massa (do qual também faz parte o jornal), pertencente à família do senador e presidente do Congresso Nacional Antônio Carlos Magalhães, líder do grupo político que há nove anos governa a Bahia. Segundo pesquisa realizada pela empresa de estatística Marplan, a pedido da direção do Correio da Bahia, o jornal já conta com cem mil leitores de terça a sábado (o jornal não circula no Domingo). Às segundas-feiras, o número de leitores chega a 120 mil de acordo com a Marplan. A empresa chegou a este número multiplicando por cinco (suposto total de leitores por cada exemplar) a tiragem média do jornal, que é de 35 mil exemplares vendidos (45 mil levando-se em conta permutas e cortesias), dos quais 22 mil são de assinantes. Para se ter uma noção de quanto o Correio da Bahia cresceu em tiragem e, logo, em número de leitores, basta informar que em 1990 - ano em que o grupo político liderado por Antônio Carlos Magalhães assumiu o governo da Bahia - a tiragem do jornal era de apenas 3 mil exemplares segundo o atual chefe de redação, Demóstenes Teixeira, que assumiu o cargo também naquele ano. Dado o crescimento permanente no número de leitores do Correio da Bahia, e o contexto político em que ele está acontecendo, faz-se necessária uma reflexão a respeito do conteúdo das notícias sobre crimes distribuídas nas páginas intitulada *segurança* do caderno Aqui

Salvador, principalmente porque estas páginas são as mais lidas do jornal segundo pesquisas informais do próprio Correio da Bahia (perdendo apenas para o Folha da Bahia, caderno de variedades).

METODOLOGIA:

1. Consultar bibliografia, periódicos (jornais, revistas, publicações on-line) material visual ou audiovisual que mantenha relações com o recorte proposto e suas correlações, tais como: violência policial, o papel do negro na economia baiana, análise de discurso, teorias do jornalismo, entre outros. Este procedimento deve continuar ao longo de todo o processo.
2. Obter, junto a SSP – Secretaria de Segurança Pública, documentação referente aos registros de crimes na Bahia durante o ano de 1998 ou 1999. Verificar, a partir dessa documentação, qual o mês de maior incidência de crimes.
3. Obter junto a entidades de Direitos Humanos e Organizações Não-Governamentais dados mais atualizados e/ou seguros que os da SSP. Verificar se este material está de acordo com os dados oficiais e escolher qual é o mais adequado.
4. Recolher jornais durante um mês do ano de 1998 ou 1999. Este mês deve corresponder ao de maior índice de registro de crimes segundo a SSP - Secretaria de Segurança Pública, ou , segundo os dados não-oficiais obtidos.
5. Elaborar um banco de dados com as matérias recolhidas dos jornais em forma de arquivo computadorizado ou um relatório em papel. Contendo: título, subtítulo, autor, data, local do crime, delegacia em que se registrou (quando houver), indicação de existência de fotografia e um resumo de até três linhas.
6. Verificar a classificação de “Classe Baixa”, ou “Baixa Renda”, segundo critérios do IBGE (de aquisição de bens materiais) ou outras classificações indicadas nos jornais, quando for pertinente explicá-las.
7. Retirar do material da SSP e das entidades, tabelas ou relatórios que ilustrem a escalada da violência. Elaborando um dossiê/álbum deste material.

8. Elaborar um arquivo no formato de álbum ou dossiê, de forma a permitir a visualização conjunta das imagens e correspondentes matérias do mês analisado.
9. Identificar as matérias mais representativas do assunto abordado, baseando-se em reflexões realizadas a partir da bibliografia lida.
10. Realizar Análise de Conteúdo e Rotinas Produtivas a partir dos dados relativos ao mês analisado, seja Título/Subtítulo/Texto/Imagens. Essa escolha deverá ser feita ao longo da pesquisa, privilegiando o material que melhor represente o recorte proposto.
11. Entrevistas com a editoria de Segurança do jornal Correio da Bahia: pretende-se revelar quais rotinas produtivas resultam naquele conteúdo, evidenciando um diálogo entre estas duas instâncias (produção-resultado, criador-criatura).
12. Entrevistas com representantes capacitados de Organizações Não Governamentais que tenham relações com o recorte proposto, principalmente os que se mostram capazes de levantar pontos de vista não encontrados nas bibliografias.
13. Participação em eventos que privilegiem de algum modo a temática abordada. Este procedimento deve continuar ao longo de todo o processo de elaboração do projeto.
14. Elaboração e entrega do texto parcial para avaliação do orientador, com tempo hábil para possíveis alterações.
15. Elaboração e entrega do texto final para avaliação do orientador, com tempo hábil para possíveis alterações antes da apresentação do projeto.

CRONOGRAMA:

MÊS	1°	2°	3°	4°	5°	6°
ATIVIDADES	1, 2, 3, 4, 13	1,5,13	1,6,7,13	1,8,9,10,13	1,11,12,13	1,14,15

Obs: A numeração das atividades corresponde aos itens da Metodologia.

6. Índice hipotético:

Apresentação

Capítulo I

. Da condição pós-moderna

Capítulo II

. Da violência

Capítulo III

. Das rotinas produtivas

Capítulo IV

. Da análise de conteúdo

Capítulo V

. Do Correio da Bahia

Capítulo VI

. Das páginas segurança

Capítulo VII

. Das conclusões

Bibliografia

Apêndices

Anexos

8. Bibliografia:

ARBEX JÚNIOR, José. *O poder da TV*. São Paulo: Scipione, 1995 - (Ponto de Apoio)

ARBEX JÚNIOR, José e TOGNOLI, Cláudio Júlio. *Mundo Pós-moderno*. São Paulo: Scipione, 1996 - (Ponto de Apoio)

Cidadania e Violência. Organizado por Gilberto Velho e Marcos Alvito. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. *A Transparência do Mal - Ensaio sobre Fenômenos Extremos*. São Paulo: Papirus, 1990.

_____. *À Sombra das Maiorias Silenciosas*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1989.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos - O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Violência Política*. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

_____. *Televisão*. São Paulo: Scipione, 1994 - (Ponto de Apoio)

Pensar, Pulsar - Cultura Comunicacional, tecnologias, velocidade. Coletivo NTC.

Coordenador geral Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Edições NTC, 1996.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da Comunicação.* Lisboa: Presença, 1990.

Revista Imagem - Violência, número 2. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

Revista Época - Drogas nas Escolas, número 4. São Paulo: Editora Globo, 1998.